

Fusões e aquisições perto de novo recorde

Anna Beatriz Thieme

As operações de fusões e aquisições seguem aquecidas no Brasil nos primeiros meses de 2011 e, segundo especialistas, o resultado total de negócios poderá ser semelhante ou até mesmo superar o recorde histórico registrado em 2010, tanto em número de negócios quanto em valor.

Segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (Anbima), as operações, incluindo reestruturações societárias, somaram R\$ 184,8 bilhões no ano passado, cifra que, tudo indica, poderá ser ultrapassada este ano. Na avaliação de especialistas, o movimento está longe do fim, pois ainda há espaço para consolidação em diversos setores da economia, principalmente em tecnologia da informação (TI), alimentos, petróleo e gás, energia e educação.

“A movimentação de fusões e aquisições no mercado já é intensa nesses primeiros meses, o que indica que 2011 será muito forte nesse sentido, caso sejam mantidas as atuais condições da economia”, afirma o sócio da KPMG do Brasil, Luis Motta. “Se não bater o recorde registrado no ano passado, é bem provável que 2011 seja o segundo melhor ano da história em quantidade de negócios”, acrescenta.

O especialista estima que sejam realizadas até 180 operações nos três primeiros meses de 2011, frente aos 160 negócios anunciados no primeiro trimestre de 2010. “Este volume superior ao registrado no ano passado já mostra que teremos um ótimo primeiro trimestre”, afirma Motta. De acordo com o último levantamento divulgado pela consultoria, foram realizadas 726 operações no acumulado de 2010, o que significa recorde histórico e crescimento de 60% sobre 2009, quando foram feitos 454 negócios. Entre os movimentos mais expressivos do ano passado estão a formação da LATAM com os ativos da TAM e LAN, no volume de R\$ 14,4 bilhões, a joint venture entre Shell e Cosan, de R\$ 11,6 bilhões, e a transação envolvendo o Grupo Oi e a Portugal Telecom por R\$ 9 bilhões.

Apesar de o ritmo dos negócios seguir aquecido neste primeiro trimestre, Motta lembra que o volume de transações dificilmente conseguirá superar o registrado no último trimestre do ano passado, que teve um dos maiores números de negócios da história, com 195 operações.

Para explicar a perda de ritmo em relação ao quarto trimestre, o sócio e diretor da Hera Investimentos, Nicholas Barbarisi, aponta um mercado ainda receoso diante das medidas de austeridade tomadas pelo novo governo, como corte de gastos e aumento dos juros.

“São medidas que tiram um pouco o otimismo dos investidores, ainda cautelosos em relação à política econômica que está sendo implementada”, comenta Barbarisi.

O especialista acredita, no entanto, que o ritmo das operações deverá se intensificar a partir do segundo semestre, à medida que o mercado conhecer melhor as estratégias da nova equipe econômica. “A confiança dos investidores voltará a aumentar, assim como o volume de negócios”, observa.

Ele também é otimista em relação a 2011 e acredita que o total de operações de fusões e aquisições poderá ser igual ou superar o ano passado. “Temos visto um volume de recursos muito grande vindos de fora, o que deverá continuar acontecendo em 2011”, afirma Barbarisi.

Além disso, ele aponta a abertura de capital de diversas empresas, que já vêm sendo anunciadas desde o início de ano, como um dos fatores que ajudará a aumentar ainda mais o volume de negócios. “A expectativa é que mais empresas abram o capital, de forma a se capitalizarem, promovendo assim condições para mais negócios envolvendo fusões e aquisições”, explica Barbarisi.

Os especialistas também acreditam que a participação de estrangeiros continuará forte em fusões e aquisições em 2011, com destaque para os Estados Unidos e China. De acordo com

Motta, o interesse dos estrangeiros deverá se concentrar em operações de médio e grande porte, como mineração, agronegócio e alimentos.

Ainda segundo a pesquisa da KPMG, os Estados Unidos foram os que mais fizeram negócios com empresas brasileiras no ano passado, liderando o ranking com 68 transações. A França aparece na segunda posição, com 16 operações no período, seguida pela China, com 13 negócios. "A China deverá crescer mais que todos os países em termos de interesse pelo Brasil", comenta Barbarisi.

O sócio da Hera explica que fatores como estabilidade econômica e política, crescimento da economia acima da média mundial e expansão do poder aquisitivo de classes mais baixas tornam o Brasil atrativo, diante dos baixos riscos de se investir por aqui. "Levando em consideração a fragilidade econômica que ainda persiste nos países desenvolvidos, o Brasil é um dos países emergentes, junto à Índia e China, que mais geram confiança ao investidor que escolhe onde investir".

CONSOLIDAÇÃO. Ainda segundo a pesquisa da KPMG, na análise setorial acumulada de 2010, destacaram-se os segmentos de TI, com 85 transações; alimentos, bebidas e fumo, com 42 negócios; e energia, óleo e gás, com 35 operações.

Segundo o sócio da consultoria, os destaques desse ano continuarão sendo os segmentos de TI e alimentos, além de petróleo e gás, energia e educação.

Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 10 mar. 2011, Economia, p. A2.